TIAGO, O MENINO GRIOT

Flávio Junior da SILVA
Departamento de letras - UFRN

RESUMO:

"O menino prosseguia: é verdade, mãe. Aquela árvore é capaz de grandes tristezas. Os mais velhos dizem que o embondeiro, em desespero, se suicida por via das chamas. Sem ninguém pôr fogo. É verdade, mãe." No conto "O embondeiro que sonhava pássaros" do escritor moçambicano Mia Couto, o menino Tiago, como tantos outros, se encanta com a contação de estórias, e desta forma, mantém viva a cultura africana. O presente trabalho abordará o fascínio do africano pelas estórias contadas e de como a criança africana reage a estas estórias que são - mesmo "inverídicas"- verdade, porque foram ditas pelos mais velhos, e sua relação com o imaginário e a identidade destes "Erês".

INTRODUÇÃO

O que é um griot? Qual a sua função? Porque este tipo de homem e tão importante para a África? Estas perguntas são as mais freqüentes quando se fala do griot, ou os contadores de estórias, que podem ser histórias, dependendo do ouvinte; se for uma criança estes contos se tornam verdades, se tornam a mais pura verdade, tão pura quanto uma criança. Mas respondendo aos questionamentos iniciais, o Griot é aquele homem, ou mulher, que está comprometido com a verdade e por causa deste compromisso conta a áfrica para os africanos, como se formou o mundo, como foram feitas as árvores, os animais, os rios, o mar, as pessoas; fabulam sobre todas as coisas, guardam toda a tradição e a repassam aos "miúdos", - a partir de agora chamaremos criança de miúdo como se faz nos países africanos de língua portuguesa - ensinam aquilo que não se ensina na escola. Eles eram os professores, antes de haver escolas na África, na verdade ainda o são, pois ainda existem, e em muitos países são uma espécie de patrimônio vivo da humanidade. Segundo Hampâté Bâ (1977) o griot é um "[...] *poeta, cantor, músico ambulante pertencente a uma casta especial que, além de cronista e detentor da tradição oral do grupo, frequentemente exerce atribuições mágico-religiosas estão longe de ser seus únicos guardiões e transmissores qualificados"*, ou seja, a tradição não está só nas mãos do griot's, existem outras pessoas qualificadas para transmitir tal tradição. Detemos-nos aqui ao griot pelo fato dele exercer uma espécie de fascínio nas pessoas, e principalmente nos miúdos, a ponto de fazer Tiago passar o dia todo fora de casa. Não foi por acaso que escolhemos o conto do embondeiro de Mia Couto, neste conto é clara a influência fascinante, por que não dizer mágica, do passarinheiro sobre os miúdos do bairro dos brancos, e especialmente sobre Tiago.

O MENINO GRIOT

"[...] criança sonhadeíra (sic), sem outra habilidade senão perseguir fantasias." É desta forma que Mia Couto define o menino Tiago. Como qualquer outro miúdo ele é mesmo sonhador, vive de perseguir o seu imaginário; seu mundo interior é o que importa e é em busca deste mundo que ele parte - seguindo o passarinheiro ao

qual esperava desde cedo com o rosto colado no vidro da janela - ficando fora de casa o dia todo. De pés descalços acompanha o tocador de muska (uma espécie de gaita), encantado pela música, semelhante aos ratos da estória do flautista mágico. Mas esta música não iria levá-lo à perdição como na estória, mas iria levá-lo ao encontro de si mesmo, ao encontro de sua identidade cultural, embora não fosse negro, mas africano como todos os outros, feito com o mesmo barro que os outros foram feitos. O menino é africano porque é nascido na África. E por isto as estórias contadas e cantadas pelo passarinheiro o atraem tanto, Tiago não é mais o mesmo, seu interior foi transformado, sua identidade começa a ser formada; ele passa a contar as estórias que ouviu do velho griot, seu destino começa a ser traçado, será como o seu mestre, semelhante ao negro contador de suas tradições. Suas raízes começam a se fincar neste chão que seus pés descalços pisam, ele começará a ser griot, sua memória será trabalhada, começou o treinamento que Hampâté Bâ descreve em seu livro de memórias ***Amkoullel, o menino fula***; *"Desde a infância, éramos treinados a observar, olhar e escutar com tanta atenção, que todo acontecimento se inscrevia em nossa memória como em cera virgem."* O detalhamento, os pormenores, tudo deve ser contado da mesma forma, a estória deve ser dita como da primeira vez que foi contada, não há lugar para sinônimos, nem para resumos ou encurtamentos, segundo Hampâté Bâ (2003)*" O relato se faz em sua totalidade ou não se faz."* Não se pode retirar nenhuma palavra do que se conta, pois a palavra é mágica e se faltar alguma o processo de encantamento não se completa, não surte o mesmo efeito, a tradição é quebrada, é violada, é roubado o direito vital de se ouvir a mesma estória que foi contada aos avós dos avós e aos pais dos pais, já não é a mesma palavra, ela foi mudada, profanada. E é nesta linhagem que Tiago está sendo inserido, na linhagem dos mantenedores da tradição, ele é agora parente do passarinheiro, é o sobrinho branco de um tio negro, ele é agora um griot, ainda em formação, mas ainda assim um griot. Toda a fascinação causada pelo passarinheiro nos outros miúdos, e também nos adultos, repercutiu de forma mais intensa em Tiago, tudo o que os outros ouviam do velho tio ele se permitiu aprender, ouvindo e guardando tudo o que ouvia com atenção discipular, era um verdadeiro encontro consigo mesmo, as "verdades" que aprendia lhe ardiam no coração e apressadamente lhe queimavam os lábios, queriam sair, ser ouvidas novamente por aqueles que ainda não as haviam escutado, é a dinâmica da palavra; precisa ser dita, "redita", novamente pronunciada, seu poder mágico precisa ser realizado, sua força sobrenatural só acontece quando a palavra é proclamada. Hampâté Bâ (1977) nos diz que: "*A tradição africana, portanto, concebe a fala como um dom de Deus. Ela é ao mesmo tempo divina no sentido descendente e sagrada no sentido ascendente."* A palavra como um elemento divino, já que sai da boca do próprio criador, e esta mesma palavra cria todas as coisas, é com esta palavra, que deve sempre ser dita em verdade, que o menino griot começa a se relacionar. É a força deste "dizer" que o impele a contar esta estória aos que ele mais ama, são seus pais os primeiros ouvintes das suas estórias, que não são propriamente suas, mas de todos os homens.

> "Tiago contava: aquela era uma árvore muito sagrada, Deus a plantara de cabeça para baixo.
> - Vejam só o que o preto anda a meter na cabeça desta criança..
> O pai se dirigia à esposa, encomendando-lhe as culpas. O menino prosseguia: é verdade, mãe. Aquela árvore é capaz de grandes tristezas. Os mais velhos dizem que o embondeiro, em desespero, se suicida por via das chamas. Sem ninguém pôr fogo. É verdade, mãe." (COUTO, 1990)

Mais uma vez a verdade é invocada, não se pode negar o que os mais velhos dizem - o que os negros mais velhos dizem é verdade - os anciãos sabem das coisas, pois para o africano o ancião *é aquele que conhece,* não é preciso ter os cabelos totalmente brancos, assim nos explica O menino Fula de Hampâté Bâ (2003). E este conhecimento é vasto, nesta mesma obra o autor nos ensina que "*o ancião podia ter conhecimentos profundos sobre religião ou história, como também ciências naturais ou humanas de todo tipo."* É o conhecimento da totalidade, não em sentido de conhecimento pleno, mas no sentido de saber bem aquilo que se sabe. As áreas de conhecimento são vastas e é nesta vastidão de saberes que Tiago começa a ser introduzido, é uma escola viva, diferente da "escola dos brancos" que o miúdo está acostumado a frequentar, o sistema de ensino é outro, não se têm professores repetindo sistematicamente uma infinidade de teorias que talvez nem eles compreendam, mas as lições que o pequeno griote recebe são ensinadas da mesma forma que foram ensinadas aos mais antigos, aos que vieram antes dele. Foi gerado oralmente pela contação de suas tradições, de suas raízes rizomáticas - segundo Deleuze e Guattarri (1995) – que se espalham e se ramificam em torno do sujeito operando nele uma identificação com sua história e consigo mesmo, com a sua língua que não se fecha em si mesma, com a oralidade essencial à cultura africana e fundamental ao homem africano. E é em meio a esta dinâmica que Tiago enfrenta o primeiro revés de sua vida como griot; a descrença de seus pais, principalmente de sua mãe: *"- Disparate - suavizava a senhora."* (COUTO, 1990) Foi desta forma que a sua estória foi recebida, como um delírio infantil, simples fruto de uma mente fértil que na verdade havia sido "manipulada", estimulada pelas estórias contadas por aquele "preto", como disse o pai de Tiago. Desacreditado de sua verdade ele silencia, como tantos outros foram silenciados, forçados a assimilar-se por serem também desacreditados de suas verdades, obrigados a aceitarem a imposição dos que lhes colonizaram, não só suas terras, mas também suas mentes e suas identidades. Ainda um outro revés maior estava por acontecer, os colonos juntavam suas raivas, segredavam um crime que para eles não era delito. Em casa de Tiago os homens planejavam o que fazer com o velho passarinheiro; Tiago, que havia iludido a cama, ouvindo o que os homens planejavam, na pressa de salvar-se, salvando a vida do seu mestre-griot corre em direção ao embondeiro que serve de moradia ao ancião que tanto encanto trouxe à todos que moravam na cidade de cimento com seus pássaros, com o canto de suas metáforas que se misturavam ao canto das aves exóticas que trazia-lhes todos os dias. Avisado do risco o velho se mezunga, se embranquece, veste-se como um deles. Já ciente do seu destino arruma-se para receber os que são de fora, Tiago assiste a tudo assustado, quer que aquele homem escape, fuja, preserve a sua vida, o miúdo percebe nesta situação todo o valor que o passarinheiro tem, valor incalculável, ele o ama, sente que uma biblioteca queimará com a morte daquele ancião. O velho manda Tiago partir, conta-lhe ainda uma última estória sobre o embondeiro, sobre a falta de paz eterna que atinge aqueles que ferem tal árvore, suas flores brancas se ruborizam no chão; é a última mágica realizada pelas palavras daquele griot. Os colonos chegam, ele é conduzido à prisão coberto com as vestes da violência colonizadora, socos, pontapés e nenhum motivo para aquele comportamento, apenas o medo cruel de serem transformados pelas estórias contadas por criminoso tão perigoso. O velho ainda quis tocar uma última música, mas não podia soprar a muska, sua boca estava ferida, bateram muito naquele órgão que tantas estórias cantou, mas ainda o medo fez com que o guarda jogasse a gaita pela janela, fazendo-a cair próxima ao seu aprendiz, Tiago iria

aprender mais uma lição; se tornaria além de contador de estórias, músico, estava se tornando um griot de verdade:

> "Ele apanhou o instrumento, juntou seus bocados. Aqueles pedaços lhe semelhavam sua alma, carecida de mão que lhe fizesse inteira. O menino se enroscou, aquecido em sua própria redondura. Enquanto embarcava no sono levou a muska à boca e tocou como se fizesse o seu embalo. Dentro, quem sabe, o passarinheiro escutasse aquele conforto?
> Acordou num chilreino. Os pássaros! Mais de infinitos, cobriam toda a esquadra. Nem o mundo, em seu universal tamanho, era suficiente poleiro. Tiago se acercou da cela, vigiou o calabouço. As portas estavam abertas, a prisão deserta. O vendedor não deixara nem rasto, o lugar restava amnésico. Gritou pelo velho, responderam os pássaros."(COUTO, 1990)

Tiago agora já não tinha o que fazer, nem para onde ir, somente o ventre do embondeiro, haveria de retornar a sua "sala de aula", ao local onde aprendera a ser aquilo que ele é, griot, mantedor da identidade de um povo que agora é o seu povo, indiferente a cor da pele, ligado à terra, a mesma terra que todos os pretos foram moldados, terra esta da qual se fizeram também os brancos, uma mesma África de um mesmo povo, de culturas diferentes que reforçam a unidade de um mesmo continente. Retornar ao embondeiro é retornar as suas raízes, tocar a muska no oco de seu tronco é fazer memória do que se é. Neste mesmo lugar os homens da cidade vão procurar o negro fujão, achando que ele havia retornado a seu "lar", pois ouviam a harmonia da gaita, resolveram tornar a morte do ancião um "acidente natural", pois ele havia contado a Tiago que contou aos seu pais que o embondeiro, em desespero, se suicida através das chamas, resolvem então atear fogo à árvore, mas não é o passarinheiro que está em seu tronco, é Tiago que dentro:

> "Desatara um sonho: seus cabelos se figuravam pequenitas folhas, pernas e braços se madeiravam. Os dedos, lenhosos, minhocavam a terra. O menino transitava de reino: arvorejado, em estado de consentida impossibilidade. E do sonâmbulo embondeiro subiam as mãos do passarinheiro. Tocavam as flores, as corolas se envolucravam: nasciam espantosos pássaros e soltavam-se, petalados, sobre a crista das chamas. As chamas? De onde chegavam elas, excedendo a lonjura do sonho? Foi quando Tiago sentiu a ferida das labaredas, a sedução da cinza. Então, o menino, aprendiz da seiva, se emigrou inteiro para suas recentes raízes." (COUTO, 1990)

Desta forma Tiago tornou-se um verdadeiro Griot, um menino Griot que conta agora as suas estórias na memória de todos os que não lhe acreditaram, a tradição oral manteve-se nele e nele que ainda miúdo tornou-se um ancião, queimou-se uma biblioteca inteira.

BIBLIOGRAFIA

COUTO, Mia. **Cada homem é uma raça**. 3. ed. Editorial Caminho. Lisboa. 1990.

HAMPÂTÉ BÁ, Amadou. **A tradição viva.** In. Introdução à cultura Africana. Edições 70. Lisboa. 1970.

_____ **Amkoullel, o menino fula.** Tradução; Xina Smith de Vasconcellos. Palas Atena: Casa das Áfricas. São Paulo. 2003.

DELEUZE, Gilles. GUATTARRI, Felix. **Mil platôs - capitalismo e esquizofrenia, vol. 1.** Tradução; Aurélio Guerra Neto e Célia Pinto Costa. Editora 34. São Paulo. 1995.